

## **O MAR E A LUSOFONIA**

Manuel Ferreira Patrício

Instituto de Filosofia Luso-Brasileira  
Palácio da Independência, Largo de S. Domingos, 11, 1150-320 Lisboa  
(351) 213241470 | [iflbggeral@gmail.com](mailto:iflbggeral@gmail.com)

Resumo: Pretende-se neste texto salientar a presença do "Mar" em diversos autores da literatura portuguesa, a partir de uma visão cultural e filosófica.

Palavras-chave: literatura portuguesa, cultura, mar.

Abstract: It is intended in this text point out the presence of the "Sea" in several authors of Portuguese literature, from a cultural and philosophical view.

Keywords: Portuguese literature, culture, sea.

## I

Começarei de uma forma estranha, mostrando o que em princípio não deveria ser mostrado: o conjunto dos tópicos preparatórios do texto propriamente dito da minha reflexão, do pensamento que intimamente lhe subjaz. Espero que no final isso faça algum sentido. Como se verá, esse texto deveria ser mais longo.

*Tópicos preparatórios*, escritos de um jacto:

Diz-se que Portugal é um País à beira-mar plantado.

Não é à beira-mar, é à beira-oceano. Como a história mostra.

A Lusofonia é uma realidade marítima, oceânica.

O Mar na literatura portuguesa nascente: Martin Codax e as suas "Ondas do mar de Vigo"; outros poetas e poemas medievais do mar.

Camões e o Mar. Aliás, Camões e o(s) Oceano(s).

Fernão Mendes Pinto e o(s) Oceano(s).

Vieira e o Oceano.

Pascoaes, o Mar e o Marão.

Fernando Pessoa: a "Ode Marítima"; *Mensagem*; "Mar Portuguez".

Ver *Antologia da Poesia Portuguesa*, da Porto Editora.

O "Hino da Lusofonia".

O Mar e o Espaço Português Marítimo.

*A História Trágico-Marítima*.

O Mar e a Ilha dos Amores.

Mar, Amar, Amor.

Platão: para além das "Colunas de Hércules é o mar a sério", como se diz no *Crítias*.

Platão: a Atlântida.

Fernando Pessoa: "Navegar é preciso, viver não é preciso".

A "Ode Marítima" não chega a ser a "Ode Oceânica".

Portugal começa por ser um País marítimo, só depois o destino o faz um País oceânico.

É o País oceânico que gera, cria, a lusofonia.

É D. Diniz "o plantador de naus a haver". As naus são, elas é que são, o berço da lusofonia plena.

O Timbre (*Mensagem*) representa o Portugal Oceânico, o Portugal Imperial: Infante Dom Henrique, Dom João o Segundo, Afonso de Albuquerque.

A Segunda Parte (*Mensagem*) é o Mar Português. Mar, por vezes é menos que Oceano, por vezes é mais do que Oceano, é o Mar Total.

Miguel Torga: o seu livro *MAR*. Do mar dos pescadores emerge o Oceano.

Raul Brandão: *Os Pescadores*.

Raul Brandão: *As Ilhas Desconhecidas*.

Sophia de Mello Breyner Andresen: poemas sobre o Mar.

## II

Conheço pouco do Mar. Também conheço pouco da Lusofonia. Mas nesta estou mergulhado todos os dias. A todas as horas, minutos e segundos. Vivo imerso na lusofonia. Só posso falar do pouco que sei.

Como professor, vivi algumas experiências interessantes de relacionamento íntimo do Mar e da Lusofonia. Em todos os ciclos do sistema de ensino em que trabalhei. O mais interessante terá sido o liceal, sobretudo no Liceu de Évora. Formámos um Grupo de Jograis. E jogralizámos vários poemas da nossa Idade Média. O primeiro, o principal dedicado ao Mar, foi a Cantiga de Amigo de Martin Codax "Ondas do Mar de Vigo". Não conhecendo na altura a música de Martin Codax, eu próprio musiquei a cantiga. Ainda hoje a cantamos, no Coro de Câmara de Montargil, minha terra natal, que fundámos em 2008, eu agora no mar de Vigo da aposentação. Fui sempre um cultor da demopedia (demopaideia) brunina.

Eis a cantiga, talvez barcarola:

*Ondas do mar de Vigo,  
se vistes meu amigo!  
E ay Deus, se verrá cedo!*

*Ondas do mar levado,  
se vistes meu amado!  
E ay Deus, se verrá cedo!*

*Se vistes meu amigo,  
o por que eu sospiro!  
E ay Deus, se verrá cedo!*

*Se vistes meu amado,*

*por que ei gran cuidado!*

*E ay Deus, se verrá cedo!*

(Martin Codax)<sup>1</sup>

É um poema sobre o amor, lírico. Mas o Mar lá está e é central. Já lá está também o cuidado. Estará sempre quando está o Mar. O Mar; não, ainda não, o Oceano.

O Amor e a Morte. Gostam de andar juntos. O "cuidado" é desde logo o sinal da companhia. É o que vejo nesta cantiga paralelística do Meendinho, talvez um jogral.

Ei-la:

*Sedia-m'eu na ermida de San Simhon  
e cercaron-mh' as ondas, que grandes son!  
Eu atendend' o meu amigo,  
eu atendend' o meu amigo!*

*Esta[va eu] na ermida ant' o altar,  
[e] cercaron-mh as ondas grandes do mar!  
Eu atendend' o meu amigo,  
eu atendend' o meu amigo!*

*E cercaron-mh as ondas, que grandes son!  
Nen ei barqueiro, nen remador!  
Eu atendend' o meu amigo,  
eu atendend' o meu amigo!*

*E cercaron-mh as ondas do alto mar;  
Nen ei barqueiro, nen sei remar!  
Eu atendend' o meu amigo,  
eu atendend' o meu amigo!*

*Nen ei barqueiro, nen remador;  
[e] morrerei freiosa no mar maior!  
Eu atendend' o meu amigo,*

---

<sup>1</sup> M. Ema Tarracha Ferreira, "Ondas do mar de Vigo", de Martin Codax, in *Antologia Literária Comentada — Idade Média — Poesia Trovadoresca / Fernão Lopes*, Lisboa, Editora Ulisseia, 5ª edição, s.d., p. 101.

*eu atendend' o meu amigo!*

*Nen ei barqueiro, nen sei remar;  
e morrerei fremosa no alto mar!  
Eu atendend' o meu amigo,  
eu atendend' o meu amigo!*  
(Meendinho)<sup>2</sup>

### III

Camões viveu profundamente o Mar. Tendo embarcado para a Índia na Primavera de 1553, após ter sido libertado dos meses que passou na prisão, em Lisboa, consequência de se ter envolvido numa desordem, aí participou em expedições militares, como era inevitável. Do estuário do Tejo, porta de entrada no Oceano Atlântico, passa ao Oceano Índico. Da Índia nos fala um pouco na Elegia I. Assim: "Que uma ilha que o rei de Porcá tem, / que o rei da Pimenta lhe tomara, / fomos tomar-lha, e sucedeu-nos bem./ Com uma armada grossa que ajuntara / o vizo-rei de Goa nos partimos / com toda a gente d'armas que se achara (...)"<sup>3</sup>. A experiência militar ocorre, como se vê, na experiência oceânica. É pouco depois, entre 1556 e 1558, que se dá o seu naufrágio na foz do rio Mekong, no Camboja, tendo aí acontecido o milagre da salvação do manuscrito das suas obras. É o que se encontra descrito no Canto X d'*Os Lusíadas*, 128: "Este receberá, plácido e brando, / No seu regaço os Cantos que molhados / Vêm do naufrágio triste e miserando, / dos procelosos baixos escapados,/ Das fomes, dos perigos grandes, quando / Será o injusto mando executado / Naquele cuja lira sonora / Será mais afamada que ditosa."<sup>4</sup>

São de Vasco Graça Moura as palavras que se seguem: "Camões viveu a fase terminal da expansão portuguesa e depois a da decadência e do desmoronamento político do seu país. A sua morte, um ou dois anos depois da derrota de Alcácer Quibir, coincide praticamente com a perda da independência portuguesa em favor da Espanha, situação que iria durar até 1640. Mas, ao

---

<sup>2</sup> Idem, " Sedia-m'eu na ermida de San Simhon", de Meendinho, in *Antologia Literária Comentada — Idade Média — Poesia Trovadoresca / Fernão Lopes*, Lisboa, Editora Ulisseia, 5ª edição, s. d., pp. 99-100.

<sup>3</sup> Luís de Camões, *Os Lusíadas*, Os Grandes Clássicos da Literatura Portuguesa, Coleção dirigida por Vasco Graça Moura, Lisboa, Editora Planeta DeAgostini, 2004, pp. 5-6.

<sup>4</sup> Idem, *ibidem*, p. 6.

mesmo tempo, Camões viveu um período intelectual singular da história sociocultural, económica e política de Portugal, da Europa e do Mundo."<sup>5</sup> Procurando sintetizar os pontos essenciais da época que Camões viveu, Vasco Graça Moura refere os valores do humanismo clássico do Renascimento, o avanço teórico e prático do poder central, as descobertas geográficas e a consequente explosão de conhecimentos empíricos, fontes do desenvolvimento científico propriamente dito, a repressão inquisitorial, o pensamento heterodoxo, a rápida transformação dos costumes, das mentalidades e das estruturas sociais, a cupidez, a alteração dos consumos, o despovoamento das regiões do interior devido à atracção exercida pela vida mercantil da capital e do ultramar, etc., etc., etc.<sup>6</sup> É amplo e complexo o cenário desenhado e pintado por Vasco Graça Moura.

Comparando as viagens de Bartolomeu Dias (passagem do Cabo da Boa Esperança em 1588), quatro anos antes de Colombo, com a viagem deste e depois a de Vasco da Gama (1497/98), conclui pela maior profundidade do alcance das viagens portuguesas. "Dez anos depois, a viagem de Vasco da Gama (1497/98) tinha sido a que mais radicalmente contribuíra para a transformação da civilização europeia e da História do Mundo. E houvera ainda, ao longo de décadas, muitas outras viagens portuguesas da maior importância.". V. Graça Moura continua: "Mas faltava ainda a dimensão da glorificação pela criação artística relativamente aos feitos de que provinha tão grande transformação de todos os aspectos do Mundo (...)"<sup>7</sup> Foi sobre este pano de fundo que Camões viveu e escreveu a sua obra épica e lírica."<sup>8</sup>

É logo no Canto I, 106, que o Poeta põe à vista o contraste, vital e metafísico, entre o Mar e a Terra, que faz lembrar o contraste que Pascoaes virá a apontar entre o Mar e o Marão — discrepância curiosa entre o autor d'*Os Lusíadas* e o autor de *Marânus*. Lemos em Camões:

*No mar tanta tormenta e tanto dano,  
Tantas vezes a morte apercebida!  
Na terra tanta guerra, tanto engano,*

---

<sup>5</sup> Idem, *ibidem*, p. 7.

<sup>6</sup> Idem, *ibidem*, pp. 7-8.

<sup>7</sup> Idem, *ibidem*, p.9.

<sup>8</sup> Idem, *ibidem*, p. 10.

*Tanta necessidade avorrecida!*  
*Onde pode acolher-se um fraco humano,*  
*Onde terá segura a curta vida,*  
*Que não se arme e se indigne o Céu sereno*  
*Contra um bicho da terra tão pequeno?*<sup>9</sup>

V. Graça Moura explica muito bem a raiz e o sentido da obra épica, e lírica, de Camões: "Pode dizer-se que Camões viveu literária e literalmente a revolução planetária do seu tempo com olhos clássicos (...)".<sup>10</sup> Os feitos dos deuses e heróis clássicos foram "fabulosos", "fingidos"; os feitos dos navegadores portugueses foram reais.

É à luz da visão do mundo, da nova visão do mundo, tornada possível pelas navegações portuguesas, que Vasco da Gama pode ver a concepção da estrutura do Universo na Ilha dos Amores, acolhidos os nautas portugueses pela deusa Tétis. Lemos (Canto X, 80):

*Vês aqui a grande máquina do Mundo,*  
*Etérea e elemental, que fabricada*  
*Assi foi do Saber, alto e profundo,*  
*Que é sem princípio e meta limitada.*  
*Quem cerca em derredor este rotundo*  
*Globo e sua superfície tão limada,*  
*É Deus; mas o que é Deus, ninguém o entende,*  
*Que a tanto o engenho humano não se estende.*<sup>11</sup>

Esta visão da máquina do Mundo, ainda sendo uma visão geocêntrica, não deixa de levantar em nós a suspeita de que o nosso Poeta-Pátria teria do Ser Supremo uma ideia algo distinta da ideia ortodoxa, em particular da ideia da Inquisição; uma ideia diríamos que algo esotérica, pelo menos já nos espaços do Cusano.

Mas esta dimensão filosófica e teológica da concepção da máquina do Mundo é em Camões inseparável da experiência física das coisas. E a língua portuguesa cresce e amplifica-se em capacidade expressiva e pensante na união das duas dimensões. Impressionante nesta perspectiva se me afigura ser a oitava em que o nosso Poeta descreve o fogo-de-santelmo e fulgurantemente nos dá a ver o

---

<sup>9</sup> Idem, *ibidem*, p. 56.

<sup>10</sup> Idem, *ibidem*, p.12.

<sup>11</sup> Idem, *ibidem*, p. 13.

acontecer da tromba-de-água. Atentemos bem na força lusófona da oitava 18 do Canto V:

*Vi, claramente visto, o lume vivo  
Que a marítima gente tem por santo,  
Em tempo de tormenta e vento esquivo,  
De tempestade escura e triste pranto.  
Não menos foi a todos excessivo  
Milagre, e cousa, certo de alto espanto,  
Ver as nuvens do mar com largo cano,  
Sorver as altas águas do oceano.*<sup>12</sup>

A grandeza do prodígio épico d'*Os Lusíadas* espelha a par da grandeza do prodígio que foi a gesta marítima do povo lusíada. Eis porque a obra em língua portuguesa que descreve e exalta a gesta das Navegações "é um dos cumes mais altos da criação cultural da Humanidade" (palavras de Vasco Graça Moura).<sup>13</sup>

#### IV

Talvez nenhum escritor português tenha vivido uma relação tão forte, profunda, extensa e intensa com o Mar, com os Oceanos, como Fernão Mendes Pinto. A Terra é uma referência de certo modo longínqua nele. Quando damos por ele a andar sobre o chão, a terra firme, atentamos em que se trata de um breve intervalo no seu andar autêntico, que é o andar sobre a água, sobre o Mar, sobre os Oceanos. Oceanos, digo bem: Oceano Atlântico, Oceano Índico, Oceano Pacífico. Este "andarilho de Quinhentos", na expressão de Vasco Graça Moura, é um impressionante "andarilho tendencialmente planetário". Anda, age, fala, ouve, escuta, comunica. Um extraordinário "andarilho lusófono". Não se descortina na *Peregrinação* qualquer dificuldade de comunicação, seja em que estranha língua for. Diz o que tem a dizer, ouve e percebe o que lhe dizem, regista e transmite longos e complexos discursos nas mais estranhas e extremas circunstâncias. É riquíssimo o mundo lexical que recebeu; deve ter sido riquíssimo o mundo lexical que deu aos seus interlocutores em língua portuguesa. Porque ele ouviu os outros; e os outros ouviram-no certamente a

---

<sup>12</sup> Idem, *ibidem*, p. 14.

<sup>13</sup> Idem, *ibidem*, p. 17.



ele. Ele dá-nos muitas vezes a tradução da fala dos outros, mas de igual modo deu aos outros a tradução da sua fala portuguesa, lusófona.

Terá sido entre 1558 e 1568 que escreveu a sua obra, esta sendo "a tosca escritura, que por herança deixo aos meus filhos". Como terá escrito essa obra? É ela tão viva de informação, tão luxuriante de pormenor, tão exacta na descrição factual, tão prodigiosamente complexa na concatenação dos desenvolvimentos da acção e dos acontecimentos, que a prosa da *Peregrinação* mais se me afigura um filme do que um livro. Tirou ele persistentemente apontamentos do que foi vivendo ou, quando chegou a hora da escrita, colheu do mundo imenso da memória a riqueza que nela tinha ficado guardada, ponto por ponto, com toda a cor e toda a música da própria vida? A obra que nos deixou é um milagre. Parelho do naufrágio de Camões na foz do rio Mekong. Mesmo que a memória tenha tido a ajuda da imaginação, esta mostra ser tão viva e realista que nos dá impressivamente o mesmo mundo que a memória daria. O andarilho que Fernão Mendes Pinto foi, é a figura metafórica do andarilho oceânico planetário que Portugal foi. O autor da *Peregrinação* é rigorosamente Portugal, na vida e na figura de um seu rude e tosco e veraz filho.

*Peregrinação* é uma obra vasta, composta de duzentos e vinte e seis capítulos. Conta a peregrinação que foi a vida de Fernão Mendes Pinto, a qual se inscreve na peregrinação maior que foi a dos navegadores portugueses. O capítulo I trata do seguinte: "Do que passei em minha mocidade neste Reino até que me embarquei para a Índia". O capítulo 226º trata do regresso do peregrino: "Do que passei depois que partimos deste porto do Xequé até chegar à Índia, e daí a este reino". O Mar o levou, o Mar o trouxe. Ele foi o peregrino do Mar. O peregrino português do Mar.

Muitos exemplos poderia apresentar de diálogo, interessantes, envolvendo Fernando Mendes Pinto e figuras notáveis daquelas terras do Oriente. Limitar-me-ei a uma breve passagem que se encontra no capítulo 233º, intitulado "Como chegámos ao reino do Bungo, e do que lá passámos com el-rei".<sup>14</sup>

---

<sup>14</sup> Fernão Mendes Pinto, *Peregrinação*, Dois Volumes, Os Grandes Clássicos da Literatura Portuguesa, Coleção dirigida por Vasco Graça Moura, Lisboa, Editora Planeta DeAgostini, 2002, II Vol., pp. 388-391.

O rei do Bungo envia ao português por "um seu camareiro muito seu privado" a carta que achara por bem dirigir-lhe, a qual dizia assim: "Estando eu agora ocupado num trabalho de muito meu gosto, soube da tua boa chegada a esse lugar onde estás com os mais companheiros que vêm contigo, de que tive tamanho contentamento que te certifico que se não tivera jurado de não ir daqui até não matar um grande peixe que tenho cercado, que muito depressa por minha pessoa te fora logo buscar, pelo que te rogo como bom amigo, que já que por esta causa não posso ir, venhas tu logo nessa embarcação que te lá mando, porque com tu vires, e eu matar este peixe, será meu gosto perfeito."<sup>15</sup> Vejamos o que a seguir se passou, que é um exemplo interessante de promoção lusófona e lusófila, entre muitos outros. Dêmos a palavra a Fernão Mendes Pinto: "Vendo eu esta carta, me embarquei logo com todos os meus companheiros na funé em que vinha o Oretandono, e os moços com o presente nas outras duas, e por serem todas muito ligeiras e bem equipadas, em pouco mais de uma hora fomos na ilha que estava dali duas léguas e meia. E chegámos com ela a tempo que el-rei, com mais de duzentos homens, todos com suas fsgas andavam em batéis trás uma grande baleia que na volta de um grandíssimo cardume de peixe viera ali ter, o qual som de baleia e o mesmo peixe em si foi então entre eles muito novo e muito estranho, porque nunca tinham visto outro tal naquela terra.

Depois que foi morta e trazida fora à praia, foi o prazer de el-rei tamanho que a todos os pescadores que ali se acharam libertou de um certo tributo que antes pagavam, e lhes deu nomes novos de homens nobres, e a alguns fidalgos que ali estavam, aceitos a ele, aumentou os ordenados que tinham, e aos guesos, que são como moços da câmara, mandou dar mil taéis de prata, e a mim me recebeu com a boca muito cheia de riso, e me perguntou miudamente por muitas particularidades, a que eu respondi acrescentando em muitas cousas que me perguntava, por me parecer que era assim necessário à reputação da nação portuguesa, e à conta a que até então naquela terra nos tinham, porque todos então tinham para si que só o rei de Portugal era o que com verdade se podia

---

<sup>15</sup> Idem, *ibidem*, p. 390.

chamar monarca do mundo, assim como em terras como em poder e tesouro, e por esta causa se faz naquela terra tanto caso da nossa amizade."<sup>16</sup>

Portador da carta do visor-rei da Índia para el-rei do Bungo, escreve Fernão Mendes Pinto: "E eu, chegando-me a ele, lhe dei a carta que levava do visor-rei, a qual ele, posto em pé, me tomou da mão, e tornando-se a assentar a deu a um quansio gritau, que é como secretário, e este a leu em voz alta para que todos a ouvissem.

E depois de lida, me perguntou perante os três embaixadores e os príncipes de que estava acompanhado, por algumas cousas que por curiosidade quis saber desta nossa Europa, uma das quais foi quantos homens armados, de todas armas, e em cavalos acobertados como aqueles, punha el-rei de Portugal no campo. Eu então arreceando mentir-lhe, confesso que me embarcei na resposta, o que vendo um dos meus companheiros que estava junto comigo, tornando a mão, lhe respondeu que cento até cento e vinte mil de que o rei ficou muito espantado, e eu muito mais. El-rei então, parece que gostando das grandiosas respostas que este português lhe dava, instou com ele em perguntas mais de meia hora, ficando ele e todos os que estavam presentes, assaz maravilhados de tamanhas grandezas."<sup>17</sup>

V

O lado trágico da relação dos Portugueses com o Mar — melhor dito, com o Oceano... — é absolutamente patente na *História Trágico-Marítima*. Dos Relatos — ao todo dezasseis... — que constituem a obra, escolhi para a nossa reflexão apenas um: a "Relação da mui notável perda do Galeão Grande S. João". Só, ela parece suficiente para contar a experiência trágico-marítima dos portugueses e de Portugal.

O organizador da obra foi Bernardo Gomes de Brito, que fez dela "uma compilação de heterogénea proveniência (...) em 1735/1736."<sup>18</sup>

O naufrágio das naus foi vivido e sofrido como o "naufrágio da pátria". Símbolo desse naufrágio geral, global, desde cedo se tornou o naufrágio do Galeão

---

<sup>16</sup> Idem, *ibidem*, pp. 390-391.

<sup>17</sup> Idem, *ibidem*, p. 395.

<sup>18</sup> *História Trágico-Marítima*, Os Grandes Clássicos da Literatura Portuguesa, Coleção dirigida por Vasco Graça Moura, Lisboa, Editora Planeta DeAgostini, Lisboa, 2005, pp.5-6. Nota Biobibliográfica de Vasco Graça Moura.

Grande S. João, o naufrágio de Manuel de Sousa Sepúlveda, relato anónimo de 1555, o qual já o próprio Camões explorou literariamente, como o fez também Jerónimo Corte Real.

O título perifrástico do Relato dá-nos logo ali o essencial. Ei-lo: "Relação da mui notável perda do Galeão Grande S. João, em que se contam os grandes trabalhos e lastimosas coisas que aconteceram ao Capitão Manuel de Sousa Sepúlveda, e o lamentável fim que ele, e sua mulher, e filhos, e toda a mais gente houveram na Terra do Natal, onde se perderam a 24 de Junho de 1552".<sup>19</sup> Todas as palavras contam nesta apresentação sintética. Delas destacarei dois pontos notáveis pela sua significação religiosa: a desgraça fatal ocorreu na Terra do Natal; o dia em que se perderam foi o dia de S. João, precisamente o do Santo que deu o nome àquele devastado Galeão, dia tão caro a todos os portugueses.

A formidável desproporção entre o fraco poder dos navegadores portugueses e o Mar-Oceano é toda dada no Prólogo da Relação da mui notável perda do Galeão Grande S. João. Eis como tem início o tremendo texto do Prólogo: "Coisa é esta que se conta neste naufrágio para os homens muito temerem os castigos do Senhor e serem bons cristãos, trazendo o temor de Deus diante dos olhos para não quebrar seus mandamentos. Porque Manuel de Sousa era um fidalgo mui nobre e bom cavaleiro, e na Índia gastou em um tempo mais de cinquenta mil cruzados em dar de comer a muita gente e em boas obras, que fez a muitos homens; por derradeiro foi acabar sua vida, e de sua mulher e filhos, em tanta lástima e necessidade, entre os cafres, faltando-lhe o comer, e beber e vestir. E passou tantos trabalhos antes de sua morte, que não podem ser cridos senão de quem lhos ajudou a passar, que entre os mais foi um Álvaro Fernandes, guardião do Galeão, que me contou isto muito particularmente, que por acerto achei em Moçambique o ano de mil e quinhentos e cinquenta e quatro.

E por me parecer história que daria aviso e bom exemplo a todos, escrevi os trabalhos e morte deste fidalgo e de toda a sua companhia para que os homens que andam pelo mar se encomendem a Deus e a Nossa Senhora, que rogue por todos. Ámen."<sup>20</sup>

---

<sup>19</sup> Idem, *ibidem*, p. 7.

<sup>20</sup> Idem, *ibidem*, p. 9.

Eu gostaria de ler neste ponto, ainda que sumarissimamente, o essencial da descrição do naufrágio, para como que visionarmos o combate daqueles mártires portugueses com o Oceano imenso, poderoso e irado.<sup>21</sup> Mas não precisamos disso. Também seria útil ao meu propósito nesta evocação do "Mar Português" passarmos os olhos e ouvidos por aqueles dois parágrafos em que é contada a morte de D. Leonor e dos dois meninos seus filhos. Mas não é necessário fazê-lo. A grandeza trágica da gesta lusitana não necessita de um tal pesadelo. E a nossa dignidade de povo histórico dispensa-a.

## VI

É o momento de trazermos até nós, mesmo que escassamente, o Imperador da Língua Portuguesa, António Vieira. Fá-lo-emos recorrendo às comemorações do Ano Vieirino.

Do texto da introdução do Presidente da Comissão Organizadora de 2008 Ano Vieirino, Manuel Cândido Pimentel, colhemos: "O naufrágio de um cargueiro de açúcar ao largo dos Açores, vindo do Brasil rumo a Lisboa, apresado depois por corsários holandeses, não parece facto extraordinário; e excepção feita a esta ou àquela circunstância, é até vulgar na história trágico-marítima de Portugal. Mas aquele verão de 1654, aquele cargueiro, aquele naufrágio, perpetuar-se-iam pelos dias vindouros, viriam à memória das gerações, entrariam nos anais da História do arquipélago açoriano e ganhariam celebridade e lenda. É que ia naquele cargueiro um dos mais ilustres homens de Portugal.

Acaso ou providência, o Padre António Vieira fez assim a sua entrada nos Açores: na condição de náufrago deixado nas areias da ilha Graciosa, de onde, sucedidos dois meses, passou depois à Terceira e a S. Miguel. O seu rasto foi vivo: fez pastoral, pregou, alimentou a devoção à Senhora do Rosário e introduziu a prática do terço cantado. Das prédicas que fez uma se consagrou e chegou até nós, o "Sermão de Santa Teresa", pregado a 15 de Outubro de 1654 na Igreja do Colégio dos Jesuítas, em Ponta Delgada. É principalmente esta peça, que contém elementos que documentam o naufrágio, que está no âmago da inspiração dos onze pintores açorianos que aceitaram o desafio de verterem em linguagem plástica a imagética barroca, literária e teológica, de Vieira, aquela

---

<sup>21</sup> Idem, *ibidem*, pp. 29-30.

que sobretudo se exprime neste sermão a Santa Teresa e em outros sermões com referências aos Açores.

O mais famoso naufrágio da História dos Açores é aqui pretexto para um exercício original, inventivo e de convívio com a obra de Vieira, que tem o mérito de trazer a nós o húmus criador do seu verbo, ao mesmo tempo que recria e fixa na tela a reminiscência da sua presença e passagem pelo arquipélago."<sup>22</sup>

É o seguinte o texto do grande pregador, escolhido pelo pintor açoriano Victor Almeida no contexto da Exposição já mencionada: Sermão de Santa Teresa, pregado no Colégio da Companhia de Jesus da ilha de S. Miguel, havendo escapado o Autor de um terrível naufrágio, e aportado àquela ilha — Quinque Autem ex eis erant fatuae, et quinque prudentes, MATTH, 25.

Dêmos a palavra a António Vieira:

"E quantas vezes os que pareceram acasos, foram conselhos altíssimos da Providência Divina! Acaso parece que estava Cristo encostado sobre o poço de Sicar: e era conselho da Providência Divina; porque havia de chegar ali ãa mulher [a Samaritana] que se havia de converter. Acaso parece que entrava Cristo pela Cidade de Naim: e era conselho da Providência Divina; porque havia de sair dali um moço defunto, que havia de ressuscitar. Acaso parece que passeava Cristo pelas praias do mar de Galileia: e era conselho da Providência Divina; porque havia de chamar dali a dois pescadores, que deixadas as redes, e o mundo, O haviam de seguir. Parece-me, Senhores, que me tenho explicado. Acaso, e bem acaso, aportei às praias desta ilha: acaso, e bem acaso entrei pelas portas desta Cidade: acaso, e bem acaso me vejo hoje neste púlpito: que é verdadeiramente o poço de Sicar, onde se bebem as águas da verdadeira doutrina. E quem me disse a mim, nem a vós, se debaixo destes acasos se oculta algum grande conselho da Providência Divina? Quem nos disse, se haverá nesta Naim algum mancebo morto no seu pecado, que por este meio haja de ressuscitar? Quem nos disse, se haverá nesta Samaria alguma mulher de vida perdida, que por este meio se haja de converter? Quem nos disse, se haverá nesta Galileia algum Pedro, ou algum André, engolfados no mar deste mundo, que por este meio hajam de deixar as redes, e os enredos? Bem vejo que a força

---

<sup>22</sup> *O Padre António Vieira nos Açores — Ano Vieirino — Interpretação da Obra de António Vieira*, Exposição Colectiva de Artistas Plásticos Açorianos, Realização da Câmara Municipal de Ponta Delgada / Universidade dos Açores / ANIMA — Cultura, 2009, p. 2.

dos ventos, e a violência das tempestades foi a que me trouxe a estas ilhas, ou me lançou e arremessou nelas. Mas quem pode tolher ao Autor da graça, e da natureza, que obre os efeitos de uma pelos instrumentos da outra: e que com os mesmos ventos, e tempestades faça naufragar os remédios para socorrer os perigos? Obrigado da tempestade, e do naufrágio chegou S. Paulo à ilha de Malta, e do que ali então pregou o Apóstolo, tiveram princípio aquelas religiosas luzes, com que hoje se alumia, e se defende a Igreja. Bem conheço quão falto estou da eloquência, e muito mais do espírito de S. Paulo; mas na ocasião, e nas circunstâncias presentes, ninguém me poderá negar uma grande parte de Pregador, que é chegar a esta ilha vomitado das ondas."<sup>23</sup>

Vomitado das ondas, mas delas no mesmo poderoso lance fazendo nascer a alva espuma da lusofonia, sacralmente casada com o Mar-Oceano.

## VII

obras de Raul Brandão com interesse directo para o tema desta intervenção são duas: *Os Pescadores*, de 1923; *Ilhas Desconhecidas*, de 1926.

O livro *Os Pescadores* começa com um breve texto introdutório, espécie de prólogo. Este: "Quando regresso do mar, venho sempre estonteado e cheio de luz que me trespassa. Tomo então apontamentos rápidos — seis linhas — um tipo — uma paisagem. Foi assim que coligi este livro, juntando-lhe algumas páginas de memórias. Meia dúzia de esboços afinal, que, como certos quadrinhos do ar livre, são melhores quando ficam por acabar. Estas linhas de saudade aquecem-me e reanimam-me nos dias de Inverno friorento. Torno a ver o azul, e chega mais alto até mim o imenso eco prolongado... Basta pegar num velho búzio para se perceber distintamente a grande voz do mar. Criou-se com ele e guardou-a para sempre. — Eu também nunca mais a esqueci."<sup>24</sup>

O livro tem dedicatória:

*À memória*

*De meu avô*

*Morto no mar*

Raul Brandão era, pois, ele próprio um búzio, a ressoar mar por todos os lados. Dos 16 quadrinhos que constituem o livro, que no seu todo nos dão uma

---

<sup>23</sup> Idem, *ibidem*, p. 36.

<sup>24</sup> Raul Brandão, *Os Pescadores*, Lisboa, Publicações Europa-América, s.d., p. 15.

imagem perfeita da vida dos pescadores do mar português, da Foz do Douro a Sagres, vou limitar-me a escolher o texto final, dedicado a Sagres. Talvez ele contenha tudo o que de essencial Raul Brandão nos tenha dito sobre o mar português.

Vale a pena lê-lo e ouvi-lo:

*O promontório é um punho nodoso, com dois dedos estendidos para o mar — a ponta de S. Vicente e a ponta de Sagres. Nos dias sem sol, como o de hoje, os dedos parecem de ferro: apontam e subjugam-no. Em frente, o mar ilimitado; em baixo o abismo, a cem metros de altura. Ventanias ásperas descarnam o morro cortado a pique e no Inverno as vagas varrem-no de lado a lado.*

*Sagres é o cabo do mundo. Levo os pés magoados de caminhar sobre pedregulhos azulados, num carreirinho, por entre lava atormentada. Do passado restam cacos, o presente é uma coisa fora da realidade, grande extensão deserta, pardacenta e encapelada, com pedraria a aflorar entre tufos lutuosos; vasto ossário abandonado onde as pedras são caveiras, as ervas cardos negros e os tojos só espinhos e algumas folhas de zinco. O mar — é verdade, esquecia-o — ,mas o mar como imensidade e tragédia, e ao lado a gigantesca ponta de S. Vicente, só negrume e sombra. Mar e céu, céu e mar, terra reduzida a torresmos e o sentimento do ilimitado.*

*Grande sítio para ser devorado por uma ideia! Isto devia chamar-se Sagres ou a ideia fixa...Só agora entrevejo o vulto do Infante. Cerca-o e aperta-o a solidão de ferro. Pedra e mar - torna-se de pedra. Está só no mundo e contrariado por todos. Obstina-se durante doze anos! Contra o clamor geral. — Perdição! Perdição! — agoura toda a gente, e Ele não ouve os gritos da plebe ou a murmuração das pessoas “de mais qualidade” ( Barros ). Aqui não se ouve nada...Nem um sinal de assentimento encontra. Não importa. Só o sonho, na gigantesca penedia que com dois dedos inexoráveis aponta o caminho marítimo para as Índias pela direcção da ponta de Sagres, e a descoberta do Brasil pela direcção da ponta de S. Vicente. Lágrimas, orfandades, mortes... Mas o homem de pedra está diante deste infinito amargo e só vê o sonho que o devora. Rodeia-o a imensidão. Os mais príncipes contentam-se “com a terra que ora temos, a qual Deus deu por termo e habitação dos homens”. Este Príncipe não. Este Príncipe pertence a outra raça e a outra categoria de homens. Não lhe basta um grande sonho — há-de por força realizá-lo e “levar os Portugueses a povoar terras hermas por tantos perigos de mar, de fome e de sede”. Não é egoísmo, mas só vive para o pensamento que se apoderou de todo o seu ser. Um pensamento e o ermo. E este é óptimo para forjar uma alma à luz do*



*Céu ou do Inferno. Os dias neste sítio magnético pesam como chumbo. Uma pobre mulher do povo dizia-me ontem: — Isto aqui é tão nu e tão só que a gente ou se agarra a um trabalho e não o larga, ou morre.*

*É a realidade que nos mata. Este panorama é na verdade trágico. Não cessa dia e noite o lamento eterno da ventania e das águas. E os cabos, que são de ferro e escorrem sangue, obstinam-se em apontar o seu destino de dor a esta terra de pescadores." 25*

O arquipélago dos Açores está localizado no Oceano Atlântico. Faz parte da gesta portuguesa dos Descobrimentos. É parte da seara da lusofonia. Ao lermos o diálogo platónico *Crítias* à letra, é admissível que nesta região oceânica se tenha situado a Atlântida. É uma das hipóteses considerada pelos investigadores. Todavia, é com olhos emocionadamente portugueses que o magnífico livro de Raul Brandão o fecha. Pois vejamos:

*"29 de Agosto*

*Começo a andar inquieto. Não pude dormir: toda a noite desejei com sofreguidão outra luz — a luz que me criou. Nem na Madeira a luz me satisfaz. Cansa-me. Todas as manhãs espio o céu nublado à espera que a luz irrompa. Embarco. A noite de 29 de Agosto passo-a no tombadilho, sempre à espera, numa sofreguidão de luz — e toda a noite é de trágica tempestade. No convés só vejo negrume agitando-se num clamor. Mas de manhã a borrasca aplaca-se dentro da bacia de Cascais - e a luz irrompe, uma luz alegre, uma luz que vibra toda, uma luz em que cada átomo tem asas e vem direito a mim como uma flecha de oiro. No céu imenso e livre, o sol bóia como num grande fluido. Portugal!..." 26*

## VIII

Indiscutível, vasta e multiforme é a ligação da obra de Fernando Pessoa com o Mar e a Lusofonia. Terei de ser muito directo nas escolhas a fazer e breve também. Interessar-me-á apenas o Fernando Pessoa do Mar-Oceano, ou seja, o da Gesta Portuguesa, o Fernando Pessoa dos Navegadores e das Descobertas, o do povo que realizou a unidade de comunicação da humanidade no planeta, que tornou planetária a lusofonia. Esse Fernando Pessoa é o que se encontra nuclearmente na *Mensagem* e em mais uma mão-cheia de poemas afins.

---

<sup>25</sup> Idem, *ibidem*, pp. 158-159.

<sup>26</sup> Idem, *As Ilhas Desconhecidas — Notas e Paisagens*, Prefácio de António M. Machado Pires, Açores, Editora Artes e Letras, 2009, p. 308.

A porta sacra para a obra é a inscrição latina, a epígrafe,

*Benedictus Dominus Deus*

*Noster Qui Dedit Nobis*

*Signum* <sup>27</sup>

Permitam-me que traduza com liberdade:

*Bendito O Senhor Deus*

*Nosso Que Deu A Nós*

*O Signo*

Permitam-me ainda que veja no Signo o Verbo, ou seja, a Palavra, a Língua — a Língua Portuguesa. *Mensagem* é arquitectura poética construída em língua portuguesa; é obra poética lusófona. A abertura da obra poética em latim assinala o reconhecimento da grandeza e até da superioridade da língua portuguesa. Ocorre-me a propósito a declaração de Garcia de Orta: "Digo que se sabe mais num dia pelos portugueses, do que se sabia em 100 anos pelos romanos."

A Primeira Parte de *Mensagem* representa heraldicamente o Brasão, cuja estrutura, quinária, compreende "Os Campos", "Os Castelos", "As Quinas", "A Coroa" e "O Timbre".

O primeiro poema de "Os Campos" intitula-se "O dos Castelos". Foi com Almada Negreiros que aprendi a ler, ou seja, a *ver* este poema, olhando para o mapa da Europa. O poema fala da Europa, omitindo (quase...) o Mediterrâneo. Todavia, o poema é ilegível sem a referência fundamental ao Mediterrâneo. A leitura do diálogo platónico *Crítias*, que pessoalmente fiz pela primeira vez há mais de cinquenta anos, era ainda estudante inicial do Curso de Filosofia na Faculdade de Letras de Lisboa, mostrou-me que o olhar de Platão percorre o Mediterrâneo de leste a oeste até ao fundo ocidental deste, transpõe as "colunas de Hércules" e vai pousar na Atlântida, em pleno Oceano Atlântico. Esse olhar fixa-se no território da cidade de Olissipo, fundada miticamente por Ulisses. Vejamos então o que pode realmente significar o termo do poema: a Europa "Fita, com olhar esfíngico e fatal / O Ocidente, futuro do passado. / O rosto com que fita é Portugal."

Vamos ler com esta suspeita hermenêutica o poema na íntegra<sup>28</sup>:

---

<sup>27</sup> Fernando Pessoa, *Mensagem*, Edição de Fernando Cabral Martins, Edição Original de Assírio & Alvim, Lisboa, Editora Planeta DeAgostini, 2006, p. 7.

*A Europa jaz, posta nos cotovelos:  
De Oriente a Ocidente jaz, fitando,  
E toldam-lhe românticos cabelos  
Olhos gregos, lembrando.*

*O cotovelo esquerdo é recuado;  
O direito é em ângulo disposto.  
Aquele diz Itália onde é pousado;  
Este diz Inglaterra onde, afastado,  
A mão sustenta, em que se apoia o rosto.*

*Fita, com olhar esfíngico e fatal,  
O Ocidente, futuro do passado.*

*O rosto com que fita é Portugal.*

A segunda Parte representa heralamicamente "Os Castelos". O primeiro poema é agora "Ulisses"<sup>29</sup>. A força extraordinária do poema é dada pela primeira estrofe, a inicial:

*O mito é o nada que é tudo.  
O mesmo sol que abre os céus  
É um mito brilhante e mudo —  
O corpo morto de Deus,  
Vivo e desnudo.*

Segue-se o resto do poema, que é o que aqui interessa à sua leitura profunda:

*Este, que aqui aportou,  
Foi por não ser existindo.  
Sem existir nos bastou.  
Por não ter vindo foi vindo  
E nos criou.*

*Assim a lenda se escorre  
A entrar na realidade,  
E a fecundá-la decorre.  
Em baixo, a vida, metade*

---

<sup>28</sup> Idem, *ibidem*, p.15.

<sup>29</sup> Idem, *ibidem*, p.19.

*De nada, morre.*

O poeta fala de Ulisses como essência, não como existência. Ele foi — por não ser existindo; ele foi — por ser sendo. Eis porque nos bastou sem existir e veio por não ter vindo. Cúspide do mito: sendo, sem existir, nos criou. Eis que somos. Eis que é Portugal. Ulisses veio do Mediterrâneo dar à Europa os seus olhos. Olhos gregos. Lembrando. Mas esses olhos são agora os olhos de Portugal: aqueles com que a Europa fita o futuro do passado. São esses os olhos que fitam o Oceano total. E fitam falados por dentro pelo povo luso. Olhos lusófonos. Potenciados misteriosamente pelo "o plantador de naus a haver", nas quais oceanicamente se foi plantando a lusofonia a haver. O Mar foi tornado a seara da lusofonia, o Oceano a folha em que foi sendo escrito o Cantar lusitano de Amigo.

O poema "D. Dinis" é este, na íntegra<sup>30</sup>:

*Na noite escreve um seu Cantar de Amigo  
O plantador de naus a haver,  
E ouve um silêncio múrmuro consigo:  
É o rumor dos pinhais que, como um trigo  
De Império, ondulam sem se poder ver.*

*Arroio, esse cantar, jovem e puro,  
Busca o oceano por achar;  
E a fala dos pinhais, marulho obscuro,  
É o som presente desse mar futuro,  
É a voz da terra ansiando pelo mar.*

Em "Mar Portuguez", o poeta fala do Mar Portuguez que foi. Só as lágrimas ainda são. O futuro é condicional: há que passar além da dor. E queremos passar além da dor?!...

Lembremos o poema, porventura mais Hino Nacional do que o por tal oficializado como o Hino Nacional Português.

MAR PORTUGUEZ<sup>31</sup>  
*Ó mar salgado, quanto do teu sal  
São lágrimas de Portugal!  
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,*

---

<sup>30</sup> Idem, *ibidem*, p. 24.

<sup>31</sup> Idem, *ibidem*, p. 60.

*Quantos filhos em vão rezaram!*  
*Quantas noivas ficaram por casar*  
*Para que fosses nosso, ó mar!*

*Valeu a pena? Tudo vale a pena*  
*Se a alma não é pequena.*  
*Quem quer passar além do Bojador*  
*Tem que passar além da dor.*  
*Deus ao mar o perigo e o abismo deu,*  
*Mas nele é que espelhou o céu.*

Três são os tempos que pulsam no poema: o passado, o presente e a eternidade. A eternidade é o tempo de Deus; que deu ao mar o perigo e o abismo mas foi nele que espelhou o céu.

PRECE <sup>32</sup>

Resta rezar. A Deus, claro. Rezar em três estrofes. A primeira dá a desolação em que nos encontramos:

*Senhor, a noite veio e a alma é vil.*  
*Tanta foi a tormenta e a vontade!*  
*Resta-nos hoje, no silêncio hostil,*  
*O mar universal e a saudade.*

A segunda dá a esperança, na chama:

*Mas a chama, que a vida em nós criou,*  
*Se ainda há vida ainda não é finda.*  
*O frio morto em cinzas a ocultou:*  
*A mão do vento pode erguê-la ainda.*

A terceira dá a prece. A súplica — o pedido!... — a Deus:

*Dá o sopro, a aragem — ou desgraça ou ânsia —,*  
*Com que a chama do esforço se remoça,*  
*E outra vez conquistemos a distância —*  
*Do mar ou outra, mas que seja nossa!*

## IX

Terminarei esta minha — esta nossa... — peregrinação na nau poética de Sophia: Sophia de Mello Breyner Andresen<sup>33</sup>. O Mar fala na poesia de Sophia. O

---

<sup>32</sup> Idem, *ibidem*, p. 63.

Mar e o Oceano. Toda a riqueza da língua portuguesa, a variedade histórica da criação e desenvolvimento do universo lusófono, vemos esplendorosamente presente na poesia da figura ímpar da escritora portuguesa portuense Sophia de Mello Breyner Andresen. De todo esse esplendor vamos ter de limitar-nos a bem pouco; pouco, mas pujante de beleza e profundidade. E finalmente - nesta hora de cerração e asfixia — , de lusitana esperança. A esperança é o sentimento matricial da lusofonia.

Ao mergulhar quanto pude na poesia álaçre e limpa de Sophia, atraiu-me o mundo que nos é dado no poema "Navegadores VIII". É o mundo dos navegadores portugueses que olharam virginalmente as terras descobertas. Olhos interrogativos, também, perguntando pelo sentido da extraordinária experiência histórica vivida. Atentemos nesse poema e olhemos de frente a perplexidade angustiosa, a dúvida trágica com que fecha:

*Vi as águas os cabos vi as ilhas  
E o longo baloiçar dos coqueirais  
Vi lagunas azuis como safiras  
Rápidas aves furtivos animais  
Vi prodígios espantos maravilhas  
Vi homens nus bailando nos areais  
E ouvi o fundo som de suas falas  
Que já nenhum de nós entendeu mais  
Vi ferros e vi setas e vi lanças  
Oiro também à flor das ondas finas  
E o diverso fulgor de outros metais  
Vi pérolas e conchas e corais  
Desertos fontes trémulas campinas  
Vi o rosto de Eurydice das neblinas  
Vi o frescor das coisas naturais  
Só do Preste João não vi sinais*

---

<sup>33</sup> É muito vasta a obra poética de Sophia. Tive dificuldades em me situar dentro dela no tratamento e desenvolvimento do tema. Acabei por optar por escolher alguns poemas que se me impuseram com particular força e, creio, com alguma lógica de unidade, para fechar a mensagem toda que entretanto construíra. De modo que a bibliografia verídica não passaria, não podia passar, por uma lista de obras da poetisa. O que se me impôs foi uma lista de poemas, por vezes com pontos nodais dentro deles. Talvez que a anunciada edição da *Obra Poética Completa*, pelo Grupo da Porto Editora, venha ajudar a superar a dificuldade com que me confrontei.

*As ordens que levava não cumpri  
E assim contando tudo quanto vi  
Não sei se tudo errei ou descobri.*

Raul Brandão vê no búzio a síntese sonora do Mar. Desde a sua raiz cultural helénica, mediterrânica, até à nossa casa atlântica, além das colunas de Hércules, Sophia dá-nos o símbolo integral que na verdade é "O búzio de Cós". Tal como o de Raul Brandão, o seu búzio genuíno é atlântico. Olhem-lo, ouçam-lo, escutem-lo — no seu planetário cântico lusófono:

*Este búzio não o encontrei eu própria numa praia  
Mas na mediterrânica noite azul e preta  
Comprei-o em Cós numa venda junto ao cais  
Rente aos mastros baloiçantes dos navios  
E comigo trouxe o ressoar dos temporais  
Porém nele não oiço  
Nem o marulho de Cós nem o de Egina  
Mas sim o cântico da longa vasta praia  
Atlântica e sagrada  
Onde para sempre minha alma foi criada*

Regressando a Martin Codax, foi nesta vasta praia, culminante em Sagres, que em língua portuguesa desde o princípio "*Ia e vinha / E a cada coisa perguntava / Que nome tinha.*"

Na lusofonia plena, até à Taprobana, cada falante da língua portuguesa agora "*Vai e vem / E a cada coisa pergunta / Que nome tem.*"